

O grande corruptor

17. II. 54

Raul Pilla

NUM dos seus últimos artigos, o eminente jornalista, sr. Danton Jobim, comentou um gravíssimo fenômeno da atualidade política brasileira: o grande potencial de corrupção de que dispõe o Governo Federal, graças à enormidade dos recursos que maneja. «Todo um vasto mecanismo burocrático e financeiro — diz ele — coloca sob o arbítrio do presidente da República os seus agentes a concessão de benefícios materiais, de créditos a curto e longo prazo, bem como de outros meios de sedução, os quais, postos em mãos desonestas, se podem converter em instrumentos de compressão e suborno». Esse desmedido poder não se exerce somente sobre o indivíduo, cada vez mais tolhido pela máquina governativa, mas se estende aos Estados federados, cuja vida política domina hoje, direta ou indiretamente.

A hipertrofia do poder do Estado é consequência do intervencionismo, que, se na Europa parece estar regredindo, entre nós, sob o signo do sr. Getúlio Vargas, não cessa de aumentar. Até 1930, era simplesmente política a ditadura característica do nosso regime; depois, tornou-se também econômica e financeira. Nada escapa à sua influência deletéria. E já se pode seguramente prever, para o próximo pleito de outubro, «uma vergonhosa contrafação da verdade eleitoral, criada e alimentada pelo Grande Corruptor, em que se vai transformando o Governo da República».

Que remédio se aponta para tão grave mal? Outro não vê o ilustre jornalista, senão a mobilização da opinião pública contra a sencerimônia com que o presidente da República maneja os monopólios do Governo Federal, bem como as reservas não fiscalizadas. Trata-se, evidentemente, de um remédio ineficiente, num regime, como o nosso, em que o mecanismo constitucional tão pouco sensível se mostra à influência da opinião pública. E' útil, é necessário que esta se levante e, se possível, se organize, mas é preciso oferecer-lhe na máquina governista um ponto de aplicação. Ora, isto é, justamente, o que falta no sistema presidencial. O Grande Corruptor, em que, no dizer do articulista, se transformou o governo da República, somente o é pela completa irresponsabilidade que lhe faculta este sistema. Ao sr. Getúlio Vargas, cabe, apenas, o mérito de haver levado ao extremo a demonstração das possibilidades do regime.

Bradar contra a corrupção está bem e é, até, um dever elementar; mas muito melhor será tirar à corrupção os meios de exercer-se. A questão não é tanto de homens, como de instituições. Se assim não fôsse, o Brasil seria país definitivamente perdido.